
O jornal como romance coletivo: o *Correio do Povo* e a Guerra Civil espanhola (1926-1939)

Gerson Wasen Fraga*

Resumo: O presente artigo pretende trabalhar com as aproximações existentes entre os textos jornalístico e literário, valendo-se para tal da percepção de Benedict Anderson, que considera o jornal uma “forma extrema de livro”, formador de verdadeiras comunidades imaginadas. Outros fatores de semelhança são ainda apontados em nossa trajetória, tais como as vontades presentes na origem de um texto; as especializações que os mesmos apresentam; ou ainda sua condição de instrumentos de intervenção na sociedade. Como estudo de caso, trabalhamos a forma com que a Guerra Civil espanhola foi apresentada pelo jornal gaúcho *Correio do Povo* ao conjunto de seus leitores, dentro do contexto político da segunda metade da década de 30.

Palavras-chave: imprensa, Guerra Civil espanhola, *Correio do Povo*.

Abstract: This article intends to work with existing approaches between journalistic and literary texts according to Benedict Anderson “perception, who considers the newspaper an ‘extreme form’ of the book”, and who is a founder of imaginary communities. Other likeness factors are pointed out such as the will lying in the origin of a text; the specializations of the text, or even its condition as society’s intervention agent. As a case study, the work deals with the way the Spanish Civil War was presented by the *Correio do Povo* newspaper to its readers in the political context of the second half of the 1930s.

Key words: press, Spanish Civil War, *Correio do Povo*.

Introdução

O uso de textos jornalísticos em pesquisas historiográficas tem se constituído, nas últimas décadas, em um importante veio gerador de trabalhos acadêmicos no Brasil. Utilizados como fontes primárias, e com os devidos cuidados metodológicos que lhe são adequados, os jornais superaram o tradicional *status* de depósitos de fatos, permitindo apreender questões

* Mestrando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e bolsista da Capes. E-mail: gwfraga@terra.com.br

ideológicas ou aspectos sociais de um cotidiano remoto, merecendo ainda especial destaque os tópicos referentes à discursividade ou à recepção que seus textos porventura possam ter encontrado no potencial público leitor.

Sem negar ou refutar as contribuições que tais práticas trouxeram para o campo da História ou da Sociologia das comunicações, pretendemos aqui abordar um aspecto que, por estar presente no momento da composição e da apresentação de um texto jornalístico, reveste-se igualmente de importância ao historiador que, situado como verdadeiro leitor anacrônico, deve estar permanentemente atento às diversas características apresentadas por tal tipo de fonte quando essa se descortina à sua frente. Trata-se da aproximação que o texto jornalístico por vezes executa em relação ao texto literário. Para tanto, após algumas considerações teóricas, tomaremos, como estudo de caso alguns aspectos da forma com que o jornal gaúcho *Correio do Povo* apresentou aos seus leitores a Guerra Civil espanhola, na segunda metade da década de 30.

Selecionada e disseminada por grandes companhias inseridas em uma lógica capitalista de produção, a informação é tratada como um produto submetido às leis de um mercado cada vez mais competitivo, devendo revestir-se de aspectos que não somente gerem uma sensação de credibilidade, mas também que a apresente como algo “atraente” aos olhos desse mercado. Não é por acaso, que uma das obras mais importantes para o estudo da história da imprensa no Brasil, inicia com a afirmação de que “por muitas razões, fáceis de referir e de demonstrar, a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista” (Sodré, 1999, p. 1).

Embora tal capacidade de sedução passe modernamente pela larga utilização de elementos visuais, a elaboração de um texto de leitura agradável permanece com sua importância enquanto elemento atrativo ao intelecto do leitor. Devemos ter em mente, porém, que os recursos gráficos atuais, destinados a conferir tal agradabilidade, não se encontram presentes nas fontes jornalísticas mais afastadas temporalmente dos historiadores, tendo estes por vezes diante de si jornais que, adaptados a uma época e a necessidades próprias, diferem em muito dos padrões que encontramos nos dias atuais. Não raro, são periódicos no modelo *standard*, com páginas divididas em várias colunas onde se intercalam poucas ilustrações ou mesmo onde tal elemento encontra-se praticamente ausente. Em outras oportunidades, podemos encontrar publicações de poucas páginas, sendo as matérias rigorosamente selecionadas devido à exigüidade do espaço disponível. Ainda assim, a agradabilidade de uma “história bem escrita”, em que a informação por vezes associa-se a um caráter de narração romanesca,

apresentando dramas pessoais ou elementos do cotidiano sob a forma de pequenas histórias independentes ocorridas em cenários e momentos históricos específicos, permanece como um importante elemento na conquista de um conjunto cativo de leitores.

Anderson e a “forma extrema” de livro

Uma vez que colocamos em pauta a aproximação entre o texto jornalístico e o texto romanesco, seria possível, por extensão, estabelecer algum tipo de paralelo entre o jornal como objeto positivo e o livro?

Ora, sabemos que as fontes jornalísticas não se constituem em um arquivo de verdades, sendo antes um conjunto de impressões e relatos submetidos a um processo de seleção, produção e apresentação. Selecionados pelos jornalistas, os acontecimentos graficamente reproduzidos sobre o papel sofrem um processo de intermediação, ostentando toda uma carga ideológica e cultural que se reflete quando da apresentação do texto final. Este texto dividirá o espaço físico do papel com vários outros, selecionados e elaborados de forma semelhante, muito embora o centro de interesse de todos eles não seja idêntico.

Conforme Benedict Anderson, o fator que une esses vários textos em uma mesma página não é somente um simples capricho, mas a existência de uma vinculação imaginada, possibilitando que, no dia seguinte, alguns dos assuntos abordados no jornal sejam substituídos por outros, enquanto aqueles que despertem uma maior atenção encontrarão uma solução de continuidade. Deve-se essa vinculação imaginada a dois fatores que interagem simultaneamente: o primeiro é a própria passagem do tempo, assinalada pela data aposta ao cabeçalho, indicando que a História caminha de forma inexorável para o futuro. Assim, exemplificando:

Se Mali desaparecer das páginas do *The New York Times* por meses a fio, depois de dois dias de reportagens sobre a fome, nem por um momento os leitores imaginarão que Mali desapareceu, ou que a fome exterminou todos os seus cidadãos. O formato de romance que tem o jornal lhes assegura que, em algum lugar fora dali, o “personagem” Mali se movimenta silenciosamente, aguardando sua reparação no enredo (Anderson, 1989, p. 42).

Já o segundo fator de aglutinação proporcionado pelos jornais para acontecimentos a princípio desconexos, estaria na relação estabelecida entre os periódicos, enquanto forma literária, com o mercado. A exemplo do que ocorre com o livro, o jornal é um objeto bem definido, reproduzido, graças aos avanços da técnica, com exatidão e em grande escala. Difere-o, porém,

a efemeridade, o caráter obsoleto que lhe é conferido já no dia seguinte, quando uma nova edição se encarregará não somente de apresentar os novos passos dos personagens que compõem o cotidiano, dando a certeza de que o mundo imaginado segue seu rumo normal, mas também de assegurar a reprodução do consumo desse produto, executado por um amplo conjunto de pessoas que, a exemplo das notícias apresentadas, não possui necessários vínculos de ligação entre si, além da noção de sua existência, conferida pela certeza de que o ato realizado de consumir as notícias publicadas pelo jornal está sendo repetido por uma infinidade de pessoas em outros lugares. Por isso, Anderson considera os jornais como verdadeiros *best-sellers* de um só dia; uma verdadeira “forma extrema do livro” (Anderson, 1989, p. 43).

Leenhardt e Darnton: vontades e especializações

As diversas personagens integrantes do texto jornalístico executam uma aproximação entre a realidade imediata do leitor e o mundo apresentado pela pena do jornalista. Ao mesmo tempo em que busca o fato extraordinário ou dotado de relevância, fugindo do acontecimento rotineiro, o texto apresentado ao leitor deve possibilitar que este identifique ali uma ocorrência plausível, na qual ele mesmo, em outro lugar e situação, poderia vir a tomar parte.

Deve-se ressaltar, entretanto, que essa figura do destinatário a qual o redator remete-se, na hora de compor seu trabalho, não comporta um provável historiador que tomará aquele texto como objeto de análise em um tempo futuro. Conforme Cláudio Elmir, é preciso “ter presente que nós pesquisadores não somos os leitores-modelo do jornal. Nós somos leitores empíricos de um jornal que teve outros leitores empíricos no momento em que ele circulava” (Elmir, 1995, p. 22).

A identificação entre a realidade do leitor e o mundo que lhe é apresentado por meio das letras, por não ser uma característica imanente apenas ao texto jornalístico, aproxima-o, com efeito, do texto que se pretende puramente literário. Ao trabalhar de forma específica com a ficção romanesca, Jacques Leenhardt aponta para três “vontades” que estariam presentes nessa desde a sua origem, quais sejam:

- a) de atribuir ações a personagens que sejam comparáveis o mais possível com aqueles que poderiam frequentar ou conhecer todo e qualquer leitor;
- b) de facilitar a identificação do leitor com situações e personagens fictícios;
- c) de permitir um mundo verossímil, ou ao menos possível, a partir de situações exemplares (Leenhardt, 1997, p. 8).

Esse conjunto de “vontades” apontadas por Leenhardt para o mundo romanesco pode, com segurança, ser transferido ao universo dos artigos jornalísticos, posto que estes colocam o leitor diante de todo um conjunto de personagens dotados de uma acentuada dimensão humana, reforçada pela consciência de que tais personagens poderão, a qualquer momento, estar materializados à sua frente. Associa-se a isso o fato de que o próprio leitor pode, em um exemplar futuro, assumir o papel de personagem. Possibilita-se assim que seja estabelecido um parâmetro de plausibilidade para aquilo que é narrado a partir do conjunto de experiências pessoais do destinatário.

No entanto, para que tais relações possam efetivamente ser estabelecidas entre o texto jornalístico e seu público leitor, há que se considerar que essa verdadeira comunidade imaginada possui um caráter extremamente plural que, embora de difícil objetivação, acaba por integrar o conjunto de referências que norteia o redator. Ainda que Robert Darnton – historiador que anteriormente desempenhou atividades profissionais no campo do jornalismo – saliente que, em sua atividade como jornalista, o principal grupo de referência para seus trabalhos fosse composto pelos seus próprios colegas de redação (Darnton, 1990, p. 72), sabemos que as diversas publicações que encontramos nas bancas de jornal e revistas podem ser classificadas por áreas de interesse e estilos bem definidos, permitindo que agrupemos os títulos em uma infinidade de pequenos conjuntos que visam atender a necessidades diversas. Além disso, em uma única publicação, as diferentes áreas de cobertura poderão ter públicos distintos, havendo assim um certo caráter heterogêneo dentro de um mesmo órgão de imprensa. Voltamos a Darnton, agora para ir ao encontro de sua opinião, quando ele afirma que “a tendência de especialização nos jornais incentiva os repórteres a escrever para públicos específicos” (Darnton, 1990, p. 81). Assim, da mesma forma que a poesia e a crônica utilizam-se de formas diferentes de linguagem ao emitir suas mensagens, o texto jornalístico constante de uma página policial, visando a leitores potencialmente diferenciados, apresentará um conjunto de códigos diferentes em relação a outro, publicado no caderno de esportes ou no suplemento cultural.

Capelato e Prado: instrumentos de intervenção no social

Se o caráter efêmero dos periódicos aproxima-os a uma forma extrema de livro, exigindo uma constante reposição dos mesmos no mercado e na produção de novas impressões quanto aos acontecimentos, há ainda outro elemento a efetuar tal aproximação entre os campos jornalístico e literário:

trata-se da característica que os relatos escritos possuem, devido à sua natureza de criação do intelecto humano, em se pretender como interventores sobre o contexto de sua criação, buscando alinhar corações e mentes de acordo com suas próprias perspectivas.

Conforme Maria Capelato e Maria Prado, a imprensa deve ser compreendida como um instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social, sendo-lhe negada qualquer perspectiva de neutralidade política (Capelato; Prado 1980, p. 19). Essa condição de produto da razão humana, sujeito a paixões e interesses, é elemento comum entre textos jornalísticos e aqueles que se pretendem puramente literários, posto que ambos refletem interesses e paixões existentes em seu próprio tempo. Assim, independentemente da existência de vínculos entre o produtor de textos e empresas jornalísticas ou casas editoriais, o resultado final do trabalho do redator é sempre sujeito a anseios e estruturas de pensamento historicamente localizadas.

Negar tal característica a qualquer espécie de texto corresponderia a negar sua própria historicidade. Ainda quando voltados ao passado ou ao ficcional, os relatos produzidos por homens e mulheres partem de problemas e anseios que dizem respeito à sua perspectiva imediata, ao mundo que lhes cerca, tomando para si a responsabilidade de apontar os caminhos que julguem adequados à construção de uma realidade que considerem correta. Não se trata aqui, bem-entendido, de considerar todo relato escrito como produto de uma ação “maquiavélica”, mas sim, de reconhecer que, ao mesmo tempo em que o produtor de um texto escrito é um ser que interage com seu meio, sofrerá, em contrapartida, sobre si, a ação das idéias existentes nesse mesmo meio.

O *Correio do Povo* como aglutinador de uma comunidade imaginada nos anos 30

Aqueles fatores levantados por Anderson como indicadores da existência de uma comunidade imaginada, interligada pela leitura dos jornais, apontam, por outro lado, para a formação de uma memória histórica intermediada por aspectos ideológicos e processos seletivos. Assim, se a data aposta ao cabeçalho é um fator de unificação para assuntos a princípio desconexos entre si, é igualmente indicativo da construção de um passado filtrado pelas mãos e mentes daqueles que tiveram a responsabilidade de materializar suas impressões nas páginas de um órgão de imprensa. Ao mesmo tempo, essa fixação de um exemplar no tempo, alia-se a outros detalhes, como sua inserção na lógica de mercado – verificável, por exemplo, a partir da existência de espaços destinados à propaganda – ou ainda seu poder de penetração dentro de um mercado também historicamente localizado.

Uma vez que tivermos a condição de mensurar, ainda que apenas de forma aproximada, o poder de penetração de um determinado periódico junto à sociedade, mais fácil será estabelecer uma perspectiva da dimensão da comunidade imaginada constituída exclusivamente por meio dele. Se os próprios jornais costumam deixar pistas sobre assunto, a partir da indicação de suas tiragens ou mesmo pela publicação de sua própria história institucional, há que se atentar para o fato de que, enquanto atores sociais, também os jornais são objeto do testemunho dos homens de sua época, impressões essas materializadas no momento mesmo em que tal comunidade imaginada encontrava-se constituída.

Conforme Anderson, “o leitor de jornal, vendo réplicas exatas de seu jornal sendo consumidas por seus vizinhos do metrô, da barbearia ou de sua casa, sente-se permanentemente tranqüilo a respeito de que o mundo imaginado está visivelmente enraizado na vida quotidiana” (Anderson, 1989, p. 44). Essa afirmação é, com efeito, muito próxima ao testemunho de um cronista anônimo, publicado em outro veículo de grande circulação – a *Revista do Globo* –, parcialmente compilado (abaixo) e referente à inserção do jornal *Correio do Povo* na comunidade gaúcha em meados da década de 30.

No dia primeiro dêste outubro completou 41 anos de existência o nosso brilhante colega, o “Correio do Povo”, fundado e por largos anos orientado pelo saudoso e ilustre jornalista Caldas Junior. A sua carreira é das mais brilhantes no jornalismo sul-americano. O “Correio do Povo” soube impôr-se de tal modo ao público do Rio Grande que, ao cabo dêstes muitos anos de lutas e esforços, é por assim dizer um “jornal que toda a gente lê”. Da boca de muitos leitores de jornais temos ouvido repetidamente esta confissão: “Posso ler todos os jornais do Brasil. Mas si não leio o Correio do Povo tenho a impressão de que não li jornal” [...]. Uma visita às instalações dêsse grande jornal nos dão uma idéia de sua importância. Mais de trinta redatores sentados em tórno de mesas, a escrever febrilmente – cada um com a sua coluna. Um hábil e inteligente corpo de “repórteres” espalhados por toda a capital – olhos sempre vigilantes que tudo procuram ver, verdadeiros caçadores de novidades e de sensações. Nas oficinas, a balburdia não é menor. As linotipos com o seu farfalhar metálico e ininterrupto transformam em letra de fôrma o que os “repórteres” rabiscam a lápis ou a tinta nervosamente, em cima do joelho. Homens encurvados sobre mesas forradas de zinco ajustam páginas, compõem cabeçalhos. [sic] E pela madrugada, quando a cidade já está no último sono, a poderosa Marinoni começa a rodar e a vomitar jornais. A trepidação dos homens dá lugar a trepidação da máquina enorme. E quando o dia rompe encontra as grandes pilhas de jornais côr-de-rosa. E poucas horas depois os navios, os caminhões, as lanchas, os trens, as carroças e os aviões conduzem

para todos os pontos do Rio Grande o jornal do dia. E, dia claro, os garotos berram pelas ruas “Oia o Correio do Povo! Oia o Correio do Povo!” Saltam nos bondes, invadem os cafés, cortam as ruas. E os primeiros bondes que trazem dos subúrbios homens e mulheres que vão para o trabalho, oferecem espetáculos significativos. Em quase todas as mãos ha um jornal côr-de-rosa: quase toda a gente lê o “Correio do Povo”. E o prestígio do jornal se perpetua [...] (10 out. 1936, p. 10).¹

Outras fontes, em especial as bibliográficas, poderiam ser aqui utilizadas a fim de corroborar a visão fornecida por nosso cronista anônimo. Dedicuemo-nos, no entanto, a uma breve apreciação das pistas por ele deixadas à luz do que até aqui foi exposto.

Sendo já um jornal de grande circulação no período em que nos ocupamos, e ostentando diante do público uma aura de folha imparcial, o *Correio do Povo* – assim como qualquer outro grande jornal – apresentava-se ante seus leitores portando uma grande quantidade de seções que eram verdadeiros compartimentos estanques, marcando “territórios” compreendidos pelo que era regional, nacional, internacional, esportivo, entre outras temáticas. O conjunto dessas seções assumia, a cada dia, uma unicidade, proporcionada pela existência material do jornal, objeto de consumo em larga escala. Conforme o cronista, havia um exemplar em quase todas as mãos, não importando o ambiente em que as pessoas porventura se encontrassem. Era o jornal que “quase toda a gente lê”. A posse e o ato da leitura do conhecido jornal cor-de-rosa suplantava assim quaisquer outros vínculos entre seus leitores. Estava formado um público consumidor para o jornal enquanto produto, mas estava, também, materializada uma comunidade de leitores.

No entanto, se múltiplas eram as mãos e olhos que tornavam o *Correio do Povo*, diariamente, um produto de larga aceitação, igualmente múltiplas eram – ainda que, obviamente, em menor medida – as mãos e olhos responsáveis pela sua materialização, não obstante tivesse cada qual “sua coluna”, num claro exemplo do processo de especialização entre os jornalistas que, anos após, seria referendado por Darnton. A esse conjunto de colunistas, verdadeiros produtores de impressões, devemos somar ainda outros dois grupos de personagens, de fundamental importância na composição diária do jornal: o primeiro, citado diretamente pelo cronista, diz respeito ao conjunto dos repórteres, verdadeiros “olhos vigilantes” do jornal nas ruas, buscando permanentemente “novidades e sensações”. Ora, tais “olhos” tinham seu campo de ação nas mesmas ruas em que o leitor, levava sua existência cotidiana. As “novidades e sensações” colhidas trariam assim facilmente,

pela própria questão da sobreposição geográfica, uma familiaridade ao leitor, indicando que a história narrada nas páginas à sua frente, de alguma forma, diziam respeito à realidade que o cercava.

Havia, no entanto, um campo de ação que era, de uma forma direta, inatingível aos olhos e às mãos do periódico. Trata-se daquilo que, por estar fisicamente afastado em demasia do local de produção do jornal, não poderia ser atingido, na época, por seu corpo de redatores e repórteres. Embora tal lacuna pudesse ser suprimida pela simples publicação ou citação de notícias de outros periódicos, ou ainda pelos relatos de eventuais viajantes, acabou por encontrar sua solução na técnica – a mesma técnica que desenvolveu a trepidante máquina que vomitava jornais e os meios necessários a fim de que esses atingissem os pontos mais distantes do Estado. Entram em cena aqui as agências de notícias, com seus correspondentes estrategicamente posicionados nos cenários dos acontecimentos a enviar, diariamente, relatos dos acontecimentos por meio dos telégrafos e cabos submarinos.²

Façamos aqui um pequeno parêntese a fim de ressaltar a importância do desenvolvimento técnico e das agências noticiosas em nosso objeto de análise. Quanto ao primeiro aspecto, destacamos, aqui, a análise já efetuada por Francisco Rüdiger sobre a ação da imprensa no Rio Grande do Sul, onde esse autor destaca os elementos que concorreram para que o *Correio do Povo* viesse a se tornar, a partir do começo do século XX, o maior paradigma da história do desenvolvimento do moderno jornalismo gaúcho. Para Rüdiger, a verdadeira causa do sucesso do *Correio do Povo* não estava em sua pretensa apoliticidade e caráter meramente informativo – características que não seriam propriamente novas no jornalismo – mas sim, na percepção que seu fundador teve quanto às alterações estruturais que ocorriam à sua volta. Assim:

Caldas percebeu as transformações sociais e culturais em curso, respondendo aos estímulos do mercado de jornais com sucessivos investimentos na estrutura tecnológica e administrativa de sua folha, [...] procurou equiparar os padrões gráficos do jornal aos mais modernos do País, aumentando o número de páginas e o formato da folha, sem custos adicionais para o leitor (Rüdiger, 1998, p. 65).

Assim, o *Correio* apresentava-se, desde o momento de sua criação, como um periódico plenamente inserido em uma lógica moderna, investindo em uma produção massiva a fim de ocupar ao máximo um espaço no mercado de jornais.

Por outro lado, o estabelecimento de contratos com as agências internacionais de notícias se apresentava como condição indispensável para

a execução de um jornalismo moderno, dada à capacidade que as mesmas possuíam de disseminar informações de diversas partes do mundo de forma ágil e veloz, sem demandar um excessivo acréscimo de custos para os periódicos. Logo, dentro da percepção desenvolvida por Anderson do jornal como forma extrema de livro, as agências internacionais ocupam um importante papel, aumentando o universo mental e a quantidade de personagens com as quais depara-se o leitor nas páginas dos diários. Não haveria por que o *Correio do Povo* escapar a essa realidade.

Alinhando corações e mentes

Para entender a forma com que a Guerra Civil espanhola era mostrada pelos grandes órgãos da imprensa nacional, faz-se necessário ter permanentemente em vista os contextos políticos brasileiro e mundial daquele momento. Enquanto no cenário internacional experimentava-se a ascensão dos movimentos fascistas na Europa, propagando o combate simultâneo às “ideologias rubras” – das quais a União Soviética personificava o exemplo mais evidente – e ao liberalismo – em crise desde o *crack* da bolsa de Nova Iorque em 1929 –, no Brasil, o movimento de 1930, ao depor as antigas oligarquias, gerou, paradoxalmente, as condições para que práticas políticas baseadas no autoritarismo e na repressão como instrumento de controle das tensões sociais se afirmassem como norteadoras das ações do poder executivo.

Dois acontecimentos serviram para reforçar, durante os anos 30, o sentimento de necessidade de um governo forte, que conseguisse levar a termo a consolidação de um sentimento nacionalista brasileiro contra os perigos representados pela possibilidade de uma fragmentação interna ou ainda pelas “ideologias exóticas” que atizavam a idéia de um conflito de classes entre os trabalhadores. Por um lado, o Movimento Constitucionalista de 32 representou um último suspiro de autonomias regionalistas, materializando a tentativa de reação da oligarquia paulista, deposta dois anos antes, em torno de um projeto político próprio. Por outro, o Levante Comunista de 1935, prematuramente desencadeado e malsucedido em seu final, representou a chance para que todas as políticas de centralização em torno do poder executivo, postas em negociação três anos antes, fossem novamente revigoradas diante da possibilidade de que o comunismo viesse a tomar o poder.

Gestada dessa forma, durante os anos que lhe antecederam, e contando com o reforço dos receios que poderiam a partir de então ser artificialmente criados em relação ao sentimento de uma ameaça comunista, a eclosão do

Estado Novo em 1937 representou um momento de radicalização das práticas conservadoras, derivadas da polarização política no Brasil.

Dentro de tal contexto, é natural que a Guerra Civil espanhola, acontecimento que então simbolizava, no plano externo, como nenhum outro, tal situação de polarização política, fosse percebido e divulgado como um fato exemplar do caos que o Brasil estaria fadado a vivenciar, caso as “ideologias exóticas”, representadas por idéias como o comunismo e o anarquismo, encontrassem aqui alguma recepção. Conforme Sebe-Bom Meihy,

elaborou-se, então, no Brasil uma engenharia noticiosa que reorganizou as informações, instruindo-as com teor ideológico, montada para fomentar a idéia de que as esquerdas, em qualquer lugar do mundo, eram inseqüentes e desastrosas. Assim, as notícias da Guerra Civil espanhola tiveram um efeito de eco para mostrar a oposição como incapaz e destruidora da ordem e do progresso (Meihy, 1996, p. 117-118).

Tendo os jornais um raio de ação limitado, essa função acabava por ser realizada por meio de diversos periódicos ao longo do território brasileiro, criando-se, assim, uma verdadeira malha de inculcação sobre a necessidade da manutenção do regime de força no Brasil. Conforme Andréa Torres, tal função no Rio Grande do Sul estaria a cargo do *Correio do Povo* e do *Diário de Notícias*, verdadeiros “patrocinadores” locais da expansão dos ideais nacionalistas do Estado Novo, exercendo “o papel fundamental de mediação de uma unidade nacional, a partir de um projeto político” (Torres, 1997, p. 58).

Contudo, nesse verdadeiro alinhamento de corações e mentes destinado a um público plural, o discurso simplesmente político, com intenções mais explícitas, não mais ocupava um papel preponderante, posto que – recordemos – o jornal já era um produto plenamente integrado a uma lógica industrial de produção, e não um artigo sujeito às paixões de caráter político-partidário. Assim, a função outrora desempenhada pelo discurso político deveria agora ser realizada pelo texto noticioso, de forma verdadeiramente subliminar. Ora, tal característica de utilização da notícia na construção de uma opinião pública é considerada por Rüdiger, como um dos elementos inovadores do *Correio do Povo* já a partir do momento de sua fundação, posto que Caldas Júnior, seu fundador, havia percebido que “o caráter político do jornalismo não precisava ser explícito, que havia uma mutação em curso nas necessidades do público e no próprio espectro desse público, estabelecendo novos termos para a concorrência no mercado de jornais” (Rüdiger, 1998, p. 66). Em outras palavras, o periódico já era experiente na função que dele agora se exigia.

Dentro dessa sistemática de utilização das informações como instrumento de manipulação de corações e mentes, adaptando-os ao contexto político brasileiro, um posto importante era ocupado pelo conjunto das notícias internacionais: textos, geralmente de pequeno tamanho, adaptados à realidade do telégrafo. A partir de agora, apresentaremos alguns poucos exemplos de tais textos, publicados pelo *Correio do Povo* e referentes à Guerra Civil espanhola. Ainda que tenhamos que operar de forma extremamente seletiva ao trazer tais exemplos, acreditamos poder oferecer uma amostragem mínima que justifique o que até aqui foi exposto.

O *Correio do Povo* ante a Guerra Civil espanhola

Os textos publicados pelo *Correio do Povo*, referentes à Guerra Civil espanhola, tinham como objeto principal, naturalmente, o panteão político envolvido na imbricada situação daquele país e seus movimentos. Por vezes, porém, seu foco deslocava-se para personagens e cenários que compunham o cotidiano, mostrando vicissitudes e peculiaridades ocasionadas pela guerra. Lembrando-nos aqui da primeira “vontade” apresentada por Leenhardt, personalidades políticas e pessoas comuns eram trazidas, pelas agências de notícias, ao universo mental dos leitores. Tais personagens, nesse momento, estavam a produzir e a sofrer alterações e perturbações em sua rotina, em virtude de um mal que estaria a exigir, por parte dos espíritos conservadores e em prol da defesa de sua nacionalidade, uma atenção especial. A identificação das semelhanças que porventura pudessem existir entre o acontecimento conhecido como Intentona Comunista de 1935 e a situação de Guerra Civil por que passava a Espanha a partir do levante militar dirigido por Franco (talvez possamos questionar a real pertinência de muitos desses laços), eram assim apontadas e reforçadas, não se hesitando em declarar, textualmente, a verossimilhança existente entre os contextos políticos brasileiro e espanhol. A Guerra Civil espanhola se constituía, assim, em um acontecimento a ser percebido como verdadeiramente exemplar aos olhos da opinião pública brasileira.

MADRID, 22 (United) – A União dos Padeiros ordenou a mobilização de todos os seus associados de 18 a 40 anos de idade, os quaes começarão a fazer imediatamente exercícios militares, aprendendo o manejo das armas de guerra. Todos os padeiros ficarão sob as ordens do governo constituído (23 out. 1936, p. 3).

Esse caráter de exemplaridade da conturbada situação espanhola assumia um maior significado na medida em que à vitória da Frente Popular nas eleições de fevereiro, seguiu-se o fomento de um verdadeiro estágio pré-revolucionário. Assim, por extensão, os governos constituídos por Frentes Populares, em qualquer parte do mundo, passavam a ser vistos como entidades fadadas de antemão ao fracasso, impotentes na conservação de um estado de direito e que punham em risco os pilares de sustentação do conservadorismo social.

BUENOS AIRES, 27 (Especial) – Directamente, devido á revolução na Hespanha, as forças esquerdistas da política latino-americana estão hoje em franca retirada e é evidente que a luta hespanhola tenha fataes conseqüências para os grupos políticos radicaes em toda a América Latina. Tanto no Chile como na Argentina, verifica-se uma debandada das Frentes Populares. A derrota das esquerdas políticas nas próximas eleições no Chile e no Perú parece inevitável. Em todas as partes os radicaes, partido do Centro e da Esquerda, de grande potência política em muitas nações latino-americanas, preparam-se para negar toda a relação ou aliança com os socialistas e communistas, emquanto que as Direitas, partidos chamados conservadores e liberaes na maioria dos casos, estão muito satisfeitos pelo grande número de novos filiados que ingressam em seus partidos (28 ago. 1936, p. 3).

Assim, o quadro político espanhol, apresentado pelo *Correio do Povo*, permitia a comparação com personagens semelhantes, localizados bem mais próximos do Brasil do que da pátria de Cervantes. Era ainda possível evocar um passado muito recente, onde um amplo movimento de oposição política havia sido materializado por meio da Aliança Nacional Libertadora e encerrado “via decreto presidencial”. No entanto, a par de movimentações políticas ocorridas em países vizinhos, o cenário espanhol mostrava-se especialmente pródigo na apresentação das perturbações a que o mundo (do leitor) estaria sujeito, caso ditas “forças esquerdistas” obtivessem sucesso. Para tanto, não foi necessário sequer aguardar a sublevação franquista, servindo para tal os acontecimentos que sucederam à vitória republicana em fevereiro de 1936.

MADRID, 26 (A.B.) – Sessenta mil trabalhadores agricolas hespanhoes na provincia de Badajos apoderaram-se de grande quantidade de terras de cultivo segundo informa o ministério do Interior. Como esta acção foi levada a effeito pelos camponezes, sob a sua propria responsabilidade, sem autorisação do governo, o ministro do Interior enviou fortes destacamentos policiaes a Badajos afim de fazer retirar das terras apropriadas aquelles trabalhadores. Esta medida por parte do governo é considerada nos círculos políticos como o primeiro signal de que pretende agir contra a tática dos elementos esquerdistas (27 mar. 1936, p. 1).

A deflagração do levante militar em julho de 36 e o subsequente início da Guerra Civil possibilitaram que o *Correio do Povo*, seguindo o rastro da grande imprensa brasileira e conforme as diretrizes que norteavam a política externa do governo Vargas, tomasse uma posição clara quanto aos interesses em confronto, apresentando a perspectiva franquista como a única legítima, dado seu discurso nacionalista, cristão e conservador. Assim, embora os dois campos apresentassem todo um conjunto de correntes internas de atuação por vezes independente (apenas como exemplos, conservadores, fascistas ou ainda monarquistas de tendências diversas em um lado; e anarquistas ou comunistas não alinhados à política do *Komintern* por outro), cabia apresentar à opinião pública um confronto em que apenas dois pólos opostos, divididos de forma verdadeiramente simplificada, se defrontassem pela conquista do poder político. Uma vez que as notícias enviadas pelas agências apresentavam, por vezes, um caráter contraditório, oscilando em suas preferências e em seus enfoques, tal função coube aos editorialistas que, sob textos anônimos, pintavam os contendores com os adjetivos que melhor encontrassem para, ante os olhos dos leitores, apresentá-los como a personificação de uma luta travada entre o bem e o mal. Se tal ação nos parece a princípio maniqueísta, devemos lembrar que obedecia, em última instância, às perspectivas e aos interesses defendidos pelo jornal.

Já não comportam outra diferenciação os elementos que se chocam, num combate de vida e de morte, na velha Hespanha. Chamar de legalistas os que, por uma antithese, estão no poder, é uma verdadeira irrisão, porque, antes mesmo da provocada sublevação, já o governo hespanhol era fraco para dominar a anarchia, ou era connivente com ella, para não querer restabelecer a ordem e a tranqüillidade. Chamar de rebeldes os que estão no campo da lucta, com a viseira erguida e desmascarando os adversários, é, por outro lado, uma heresia. Não é com esse qualificativo que se respeita a attitude desassombrada dos generaes que lançou o desafio, com toda a coragem, aos que, de industria, subterfugiam a seus propositos. Brancos e Vermelhos é como, d'ora avante, devemos distinguir os contendores, nem mesmo admittindo outra designação nos telegrammas ou nas referencias dos noticiários. Por brancos se entendam os que são nacionalistas, tradicionalistas, christãos e generosos. Por vermelhos se entendam os que são communistas, internacionalistas, materialistas e impiedosos. Por brancos se entendam os que conservam o espírito de raça, os que cultuam os sentimentos Moraes e cavalheirescos. Por vermelhos se entendam os que apagam fronteiras, famílias e até o indivíduo, entregando-se a todas as sanhas subversivas e deshumanas (7 ago. 1936, p. 5).

Dessa forma, ficava criado um verdadeiro pano de fundo diante do qual as forças em disputa, retratadas no noticiário internacional apresentavam-se já previamente rotuladas. Contudo, a pretensa neutralidade política que integrava a mística com que o *Correio do Povo* se revestia exigia a presença de textos que, de alguma forma, oferecessem um contraponto ao discurso eminentemente engajado publicado em editoriais. O texto abaixo, referente à ação das brigadas internacionais, nos parece um bom exemplo dessa situação, muito embora se deva destacar que essa é a primeira indicação encontrada por nós sobre a atuação de tal grupo, sobrevivendo posteriormente notas que, em sentido contrário, rotulavam os brigadistas como “mercenários”, “apátridas” ou ainda “aventureiros”.

MADRID, 10 (C.P.) – (Especial) – Os milicianos sentem-se encorajados pela attitude desses voluntários, vindos de toda a parte do mundo, que apesar de não falarem a mesma língua, entendem-se perfeitamente quando luctam. Esta legião é composta por homens curtidos nas luctas de rua, russos, allemães, italianos, francezes e americanos. Espera-se proximamente a chegada de mais voluntarios estrangeiros. Esses homens que mantêm sempre um risonho bom humor, atiram-se a lucta com furor e tenacidade inauditas. Manejam todas as armas. A metralhadora, a granada de mão, a bayoneta e a navalha lhes são igualmente familiares [...]. A “Columna Internacional” parte de uma frente a outra, onde é preciso combater com segurança e arrojo (11 nov. 1936, p. 2).

A partir do momento em que a importância desse contingente ficou evidenciada na defesa do regime republicano espanhol, seus integrantes tornaram-se personagens por excelência das narrativas que procuravam explicitar as ações cotidianas de tal grupo. Sua formação, aos olhos dos leitores, passaria por subterfúgios, pelo engodo, servindo-se do desespero e da necessidade de homens desempregados que, uma vez enganados e militarizados, seriam encaminhados à frente de batalha com o objetivo de combater em nome de ideais comunistas. Não é nosso objetivo aqui comprovar a veracidade ou não de tais histórias, bem como dos personagens nelas individualmente apresentados. Contudo, uma vez que temos em mente que as Brigadas Internacionais foram criadas a partir de uma iniciativa do *Komintern*, e que agrupava em suas fileiras preferencialmente – embora não exclusivamente – indivíduos com alguma experiência militar, não deixa de ser sintomático que as histórias pessoais relatadas funcionassem como uma verdadeira antipropaganda a ação de tal contingente.

AMSTERDAM, 28 (A.B.) – O “Telegraph” cita numerosos casos de desespero de esposas e mães de desocupados alistados na Brigada Internacional, sem o saberem. A esposa de um delles recebeu uma carta datada de uma cidade franceza, onde se diz o seguinte: “Se escreveres, dirige a tua carta para aqui, não em meu verdadeiro nome, pois deram-me um nome hespanhol, para o qual deverás dirigir tuas cartas”. A mulher porém não seguiu o conselho do marido, não recebendo por isso mais noticias do seu esposo. O facto de dar novos nomes aos recruptados estrangeiros demonstra que os communistas querem occultar possivelmente os alistamentos estrangeiros (29 dez. 1936, p. 2).

Os personagens apresentados nos relatos sobre o conflito espanhol, entretanto, não estão circunscritos unicamente às situações de combate e de formação de forças militares. Também as ações comuns, de caráter pessoal, existentes em uma vivência comum, são narradas sob a lente da transformação derivada do caos gerado após a vitória da Frente Popular. Dessa forma, por exemplo, o ato de contrair matrimônio, ato vinculado a valores e a sentimentos religiosos e tradicionais, era agora apresentado sob uma nova face, mostrando, por meio de uma pequena ilustração, o pretenso poder degenerativo que as idéias de transformação social teriam sobre o tradicional e o sagrado.

SANTANDER, 28 (A.B.) – Sessenta mil casamentos foram realizados nesta cidade durante os últimos trez mezes, sob o regulamento soviético. A cerimônia de casamento foi nestes ultimos tempos, muito simples. Os noivos, dirigiam-se para qualquer commandante republicano, pediam a licença de casamento e então a recebiam, sem mais preâmbulos (29 ago. 1937, p. 3).

Contudo, um dos relatos mais curiosos sobre as transformações que a Guerra Civil teria provocado no dia-a-dia dos espanhóis não diz respeito a combates, casamentos, ou a outras ações que marcam indelevelmente a história pessoal de suas personagens. Trata, ao contrário, de um campo onde mudanças importantes ocorrem por vezes de forma quase imperceptível: a linguagem. O texto abaixo, verdadeira exposição das transformações ocorridas na oralidade espanhola devido à situação de confronto, não nos causará maiores surpresas se lembrarmos que, conforme anteriormente visto, para o próprio jornal, a linguagem utilizada na designação das partes em luta se revestia de fundamental importância a fim de que os contendores fossem mais facilmente identificados. Tratava-se de um campo de combate onde a luta entre as personagens envolvidas era disputada não mais com armas, mas sim, com a semântica.

MADRID, 30 (Associated Press) – “Salud Camarada” esta é a expressão mais usada em toda a Hespanha governista desde as encostas dos Pyreneus na alta Catalunha, Montil e Madrid. Dizem que ela grangeou immediatamente a grande popularidade que hoje desfruta em vista de seu cunho essencialmente proletario muito de accordo com o caracter da propria guerra civil, pelo menos do lado governista. Ambas as palavras fazem parte dos canones grammaticaes da lingua hespanhola. Salud (Saude) antigamente só era ouvida quando dos discursos nas festas ou nos almoços emquanto que camarada, se bem que appareça nos dictionários era um vocabulo quasi desconhecido para os hespanhoes tanto aqui como no exterior. Essas palavras servem agora para saudar, tendo substituído integralmente o velho cumprimento de *buenos dias*; tambem são empregadas na saudação militar como replica virtual ao *lealismo*, e, nas relações communs, substitue o *adeus* que foi completamente banido em vista de seu fundamento religioso.

Em alguns círculos o humilde e simples *hasta luego* ainda está sendo usado, mas o *salud camarada* prepondera francamente tanto mais que diga-se de passagem, muitas vezes o não emprego dessa saudação nova tem trazido dissabores às pessoas registrando-se mesmo algumas accusações claras e mais vezes suspeitas veladas quando se a não emprega.

A guerra veio trazer certas innovações quasi inacreditáveis para a linguagem. Entre ellas a mais interessante é a que elimina por completo certas e determinadas palavras somente porque o outro lado as emprega ou porque as empregou antes do seu contendor. A esse respeito o caso mais característico é o que se passa com a saudação máxima, tanto dos governistas como dos franquistas.

Os primeiros, ao saudarem-se uns aos outros nas grandes occasiões dizem *Viva Espanha* e os nacionalistas também em seus grandes dias saúdam-se mutuamente, ou á bandeira ouro-vermelha com o brado de *Arriba Espanha*, o que, virtualmente, quer dizer mais ou menos a mesma coisa, mas uma coisa é certa, em cada um dos lados constitui crime de trahição usar-se a saudação do outro.

Outro caso interessante se passa com o vocábulo *faccioso*, que não quer dizer *fascista* mas sim *desordeiro*, está sendo usado nos dois lados em luctas para designar-se o outro. Essa palavra não era do domínio particular antes da guerra civil e, pode-se dizer, ainda hoje, apesar della estar tão vulgarizada desde a Catalunha até Madrid e desde o Levante até a extrema da fronteira de Portugal, a maior parte da população hespanhola que a emprega não conhece o seu significado, julgando que ao empregar-a contra o seu adversário o está chamando de fascistas (31 dez. 1937, p. 2).

Dessa forma, as agências de notícias, constituídas em verdadeiras extensões do periódico em cenários distantes, possibilitavam que o conjunto dos acontecimentos narrados no plano internacional fosse percebido pelos leitores como plausíveis, possibilitando não somente identificações com as personagens, mas também a assimilação de situações exemplares, adequadas à intenção de construir uma opinião pública conforme suas próprias perspectivas do momento. Devemos aqui salientar que não acreditamos na figura de um leitor passivo, que a tudo assimila sem desencadear processos de questionamento. Contudo, dada a força de penetração que o *Correio do Povo* então possuía na sociedade gaúcha, seria igualmente um erro subestimar a sua capacidade de elemento modelador de opinião.

Centros espanhóis: a Guerra Civil em Porto Alegre

Muito embora a já citada polarização política que ocorria no cenário internacional garantisse por si só o interesse despertado pela situação espanhola – ainda mais que a eclosão de um novo conflito em grande escala, envolvendo uma ampla gama de nações já se desenhava como previsível em um futuro próximo –, a partir de determinado momento um novo fator veio aproximar ainda mais os leitores do *Correio do Povo* do conflito na península ibérica. Trata-se da fundação do Centro Español Nacionalista (CEN) em Porto Alegre, entidade surgida a partir de uma dissidência política havida entre os membros da colônia espanhola residente na capital gaúcha, atuando na promoção de palestras e eventos beneficentes, visando angariar recursos que seriam oportunamente encaminhados às forças franquistas na Espanha.

Se os personagens e situações trazidos diretamente do cenário de guerra atuavam de forma quase didática, apresentando uma verdadeira lição quanto aos perigos que o Brasil estaria sujeito caso as idéias de transformação social fossem aqui acolhidas, as notícias sobre o Centro Español Nacionalista acabavam por aproximar, ainda que de forma involuntária, o conjunto dos leitores a uma faceta do acontecimento, trazendo pelas mãos dos repórteres do próprio periódico, personagens e lugares conhecidos por seus leitores.

Na noite de ante-hontem, ainda, se realizou na sede social, á rua Vigário José Ignacio 308, a primeira conferência do ciclo organizado pelo CEN. Inaugurou brilhantemente essa série de conferências o revdo. padre Aurélio de San José, superior dos carmelitas, que desenvolveu um thema de palpitante actualidade: “Deber de los buenos españoles en los actuales momentos”. Tão eloqüentes foram as palavras pronunciadas pelo rev. padre Aurélio e tão elevados os conceitos emitidos que a assistência que enchia a sala de sessões vibrava de entusiasmo e interrompia freqüentemente o orador com aclamações entusiasticas.

Entre a correspondência recebida nestes últimos dias, se destacam as atentas comunicações do exmo. sr. General Commandante da Região e do exmo. sr. Coronel Commandante da Brigada Militar do Estado, sobre a fundação do CEN, para o qual ambas autoridades desejam próspera vida (20 jun. 1937, p. 13).

Sendo o CEN fruto de uma dissidência, correspondia-lhe, em sentido contrário, a criação de uma organização semelhante, possuidora de uma orientação republicana. Conforme Iolanda Vargas, tal centro foi constituído anteriormente ao Centro Nacionalista, sendo responsável por uma infinidade de publicações, inclusive uma revista denominada “Espania Republicana”, promovendo ainda, da mesma forma que seus opositores, sessões cívicas e festas populares (Vargas, 1979, p. 349-350). No entanto, um detalhe chama nossa atenção. Não há, por parte do *Correio do Povo*, qualquer referência à ação do Centro Republicano em Porto Alegre, enquanto o Centro Nacionalista recebe, desde os movimentos para sua constituição, uma ampla acolhida nas páginas do periódico.

Tal diferenciação de tratamento, com certeza, deve ser atribuída a vários fatores aqui já citados. Interessa-nos, no entanto, salientar que, naquele momento, a orientação seguida por um Centro Republicano não lhe conferia a condição de personagem digno de nota diante dos olhos dos leitores, posto que sua orientação política não se coadunava àquela seguida pelo periódico. Dessa forma, o Centro Español Republicano tornou-se vítima de uma forma de produção do esquecimento, posto que não há registros seus no grande arquivo de impressões constituído, em última instância, pelas páginas do jornal.

Considerações finais

Ao propormos o estabelecimento de paralelos entre os textos jornalístico e literário, paralelos esses fundados a partir da percepção do jornal como forma de livro dotado de características de efemeridade, somos levados a melhor perceber, nas páginas dos periódicos, elementos que possibilitam uma identificação entre o universo vivenciado cotidianamente pelo leitor e aquele apresentado por meio da ótica do narrador. Sem dispensar os cuidados metodológicos inerentes ao trabalho historiográfico e a tal tipo de fonte, vemos que a transposição dessa realidade ao plano da pesquisa histórica pode contribuir para que estratégias existentes quando da elaboração de um texto sejam efetivamente compreendidas à luz do conhecimento histórico, explicitando-se, assim, modos pelos quais os jornais executavam seu papel de agentes ativos sobre a sociedade.

A partir da exemplificação apresentada, bem como da tentativa de resgate de uma comunidade imaginada e historicamente posicionada, passiva da ação de discursos e práticas políticas doutrinadoras, pretendemos desvelar alguns componentes dessa relação entre leitor e texto. A utilização de narrativas exemplares, ocorridas em terras distantes, sufocava possíveis potencialidades de divergência e tensão, legitimando, em contrapartida, uma situação de domínio, baseada na exploração da imagem de um poderoso inimigo sem fronteiras, e em ideais de conservação da ordem nacional.

Notas

¹ Procuramos manter, nos artigos aqui compilados, a grafia original dos termos.

² Durante o período de nosso interesse, o *Correio do Povo* foi servido pelas agências *United Press* até fins de 1936, e pela *Associated Press* a partir de finais de 1937.

Já as notas vinculadas à *Agência Brasileira* aparecem durante todo o período, da mesma forma que os artigos publicados sob a sigla do próprio jornal, enviados a partir da sucursal que o mesmo tinha no Rio de Janeiro e que se constituíam, em última instância, em notas de origens diversas.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. *O bravo matutino. Imprensa e ideologia: o jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. *Cadernos de Estudo*, Porto Alegre, n. 13, PPGH/UFRGS, p. 19-29, 1995.

LEENHARDT, Jacques. Teoria da comunicação e teoria da recepção. *Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História*, Porto Alegre, n. 8, PPGH/UFRGS, p. 7-13, 1997.

MEIHY, José Carlos Sebe-Bom. O Brasil no contexto da Guerra Civil espanhola. *O olho da História* – revista de história contemporânea, Salvador, UFBA, v. 2, n. 2, p. 117-22, 1996.

RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1998.

SODRÉ, Nelson W. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TORRES, Andréa Sanhudo. Imprensa e Estado Novo: do discurso nacionalista ao discurso democrático. In: ALVES, Francisco; TORRES, Luiz Henrique (Orgs.). *Imprensa e história*. Porto Alegre: APGH/PUCRS, 1997.

VARGAS, Iolanda. *História da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos*. 1979. Dissertação (Mestrado) – PUCRS, Porto Alegre, 1979.